

O trajeto jornalístico do periódico alternativo *Versus* (1975-1979): entrevista com o editor Omar Luiz de Barros Filho



BARBOSA, Vinicius Sales *

 <https://orcid.org/0000-0002-1073-6869>

Recebido em: 31/05/2024

Aprovado em: 05/09/2024

Entre as décadas de 1960 e 1980, a imprensa brasileira passou por diversas remodelações editoriais, jornalísticas e, sobretudo, políticas a fim de manter a sua sobrevivência em um período em que a sociedade foi submetida aos comandos autoritários da Ditadura Militar. As arbitrariedades que visaram cercear a liberdade de expressão, como as medidas legais que instauraram a censura prévia aos veículos jornalísticos, encaminharam alguns profissionais da chamada grande imprensa para a criação do que ficou conhecido como imprensa alternativa, modalidade de jornalismo que, dentro das possibilidades, procurou discutir os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais daquela conjuntura. Esta entrevista aborda os percursos jornalísticos e editoriais de um periódico dessa modalidade.

Objeto da pesquisa de mestrado do autor,² o impresso alternativo *Versus* (1975-1979) foi criado pelo jornalista Marcos Faerman na cidade de São Paulo e situou-se na miríade de periódicos que, em seu início, abordaram assuntos culturais e contraculturais com o objetivo de discutir, alegoricamente, a situação autoritária vivenciada pela sociedade brasileira. Ao

* Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista - Unesp. Professor do curso de graduação em História do Centro Universitário Sagrado Coração - Unisagrado (Bauru-SP). Contato: vinisalesb97@gmail.com.

² Título da pesquisa de mestrado do autor: Da tela do cinema às páginas do alternativo *Versus* (1975-1979)- a produção fílmica como resistência cultural-política à Ditadura Militar.



longo de seu período de publicação, *Versus* passou por alterações editoriais, de modo que a redação adotou o discurso partidário e, a partir da nova diretriz jornalística, passou a defender a criação de um partido socialista capaz de aglutinar as massas operárias para lutarem pela redemocratização brasileira.³ Em face dessas transformações, visualizadas tanto na temática dos conteúdos publicados quanto no projeto gráfico-textual, pode-se defender que *Versus* possuiu duas linhas editoriais: a inaugural vertente político-cultural e a posterior político-partidária.

Editor durante as duas fases do impresso alternativo, o jornalista Omar Luiz de Barros Filho (1952-atual; Porto Alegre/RS) integrou a redação de *Versus* ainda no primeiro ano de publicação, sendo o colaborador com maior tempo de permanência na equipe do periódico. No decorrer de sua participação, atuou tanto como um dos editores do periódico, junto a Marcos Faerman ao longo da fase político-cultural e de Jorge Pinheiro⁴ durante a linha político-partidária, quanto como colaborador na produção de conteúdos diversificados. Em suas contribuições iniciais, Barros Filho elaborou matérias que trataram da intrincada relação histórica e de exploração que os povos indígenas vivenciaram no território brasileiro, matérias que deram lugar a textos que discutiam a conjuntura autoritária brasileira e como a reorganização partidária, comandada pelos movimentos operários e populares, poderiam lutar pelo fim da Ditadura Militar e pela redemocratização do país.

A presente entrevista, ocorrida a partir de uma oportunidade inesperada durante a realização da pesquisa de mestrado do autor, foi realizada de maneira virtual no dia 06 de maio de 2023, e as respostas transcritas abaixo passaram por edições/revisões do entrevistado. Portanto, com base no diálogo com Barros Filho, procura-se evidenciar as dinâmicas jornalísticas da imprensa alternativa, especialmente de *Versus*, publicada no período da Ditadura Militar. De modo concomitante, busca-se, com este material, destacar as memórias e perspectivas políticas e culturais de um jornalista que vivenciou um dos momentos em que a história do Brasil foi marcada pela eclosão do autoritarismo, participando

³ Para uma perspectiva mais ampla sobre a imprensa alternativa e dos periódicos que se inseriram nessa modalidade jornalística, sugere-se a obra do jornalista Bernardo Kucinski (1991) *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*.

⁴ Jornalista brasileiro atuante na revista *Manchete* e no jornal *Folha de S. Paulo (FSP)* e que, devido a sua ligação com o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), foi obrigado a exilar-se no Chile. Após o golpe que derrubou o governo chileno de Salvador Allende em 1973, exilou-se na Argentina, onde teve contato com outros congêneres e organizou a Liga Operária (LO). Ao retornar ao Brasil, integrou a redação de *Versus* em conjunto com outros militares.

de movimentos que, por meio da publicação da letra impressa, procuraram alternativas para contestar e resistir às violências perpetradas pelo regime militar.

Vinicius Sales Barbosa: Como o senhor se envolveu com o periódico *Versus*? Qual a importância de Marcos Faerman para o impresso e como era a atuação dele na redação?

Omar Luiz de Barros Filho: Eu me interessei pelo *Versus* no final de 1975. Trabalhei como repórter da *Folha da Manhã*, da Companhia Jornalística Caldas Jr. Completo agora 50 anos de jornalismo. Conhecia Marcos Faerman, o criador de *Versus*, por seu talento e fama na cidade, devido ao importante papel desempenhado por ele no caderno cultural do jornal *Zero Hora*. Depois ele foi para São Paulo, onde o valor de seu trabalho no *Jornal da Tarde* o tornou ainda mais conhecido e respeitado no país. Na capital paulista, ele dirigiu o jornal *Ex* e lançou o *Versus*.

O assassinato do jornalista Vladimir Herzog no DOI-Codi, em São Paulo, despertou em mim o desejo de ter uma participação política mais significativa; justamente quando chega em minhas mãos um exemplar da primeira edição de *Versus* que, em paralelo, vem com um convite do Marcão para que eu fosse a São Paulo para trabalhar com ele lá, o que fiz imediatamente. *Versus* era um jornal marcadamente internacionalista, com foco especial na América Latina, um desafio aos preconceitos alimentados pelas elites brasileiras, que viam os países de língua hispânica como inferiores ou desinteressantes, para dizer o mínimo.

Entre na redação de *Versus* no final de 1975. Quando passei a integrar a equipe, trazia na mala duas ou três reportagens sobre o Rio Grande do Sul. Acho que fui o editor que mais tempo ficou à frente do jornal, inclusive depois que Faerman deixou o corpo editorial, descontente com a redação e disposto a criar uma nova publicação alternativa, a *Singular & Plural*.

Deixei o *Versus* muito depois, e por outras razões. Minha segurança foi a primeira delas. A redação estava sob forte ataque da ditadura, e eu era um alvo possível da repressão. Naquele momento conturbado, deixei o país para atuar em um projeto editorial ligado à minha organização internacional na Colômbia. Sair do *Versus* foi uma decisão difícil de tomar. Levei comigo, entretanto, a experiência que ganhei ao formar a linha de frente de um jornal inovador, audaz e inquieto, que combinou um projeto gráfico de rara beleza com conteúdos editoriais que o tempo não liquidou.

Em suma, *Versus* chegou na hora certa, justo no momento em que a minha indignação estava à flor da pele devido ao assassinato do Vladimir Herzog. Em *Versus* encontrei um lugar onde podia expressar a minha formação cultural e política e realizar meu desejo de participar da luta contra a ditadura – os mesmos objetivos que, seguramente, animavam as três centenas de colaboradores que atuaram no jornal durante sua existência.

***Vinicius:* De que maneira funcionava a dinâmica da editoração de *Versus*?**

Omar: Cada edição do jornal refletia a situação da redação. Era uma redação que funcionava de uma forma alternativa, visto que a maior parte dos colaboradores não eram remunerados, eram voluntários. Claro, era um terreno instável. Na época, dizíamos que o melhor repórter do jornal era o carteiro. Esperávamos com certa ansiedade a chegada das cartas, que traziam matérias e contribuições de colaboradores que vinham do Brasil inteiro, mas também do exterior, principalmente da Argentina, do Uruguai e do Peru, por exemplo.

Mesmo assim, havia uma certa hierarquia. Os editores eram os que mais marcavam presença na redação, daí que o funcionamento era anárquico. O jornal, no entanto, suportava bem essa prática. Era criado como uma espécie de colagem, tanto na escolha das matérias quanto nas etapas de ilustração, diagramação, arte-finalização e impressão. Eu costumava dizer que ele era um jornal mutante, que a cada edição modificava radicalmente o modo de apresentar e abordar os diferentes universos de interesse. Não havia um padrão, um desenho predeterminado, como é comum na imprensa. *Versus* era uma publicação quase operística, criada a partir de colagens de textos e imagens.

Então, a redação se organizava a partir de uma grande reunião de pauta, da qual participava uma parcela dos possíveis candidatos a opinar e a escrever sobre qualquer tema de interesse. Aquele encontro geral era chave na decisão de que rumo a edição tomaria. A reunião era aberta, e dela participava qualquer um que quisesse estar presente. A partir daí, os editores hierarquizavam os assuntos, havia uma divisão de tarefas e começava o salve-se quem puder.

Pensávamos muito nos leitores, e esse era um dos pontos determinantes em nossas decisões editoriais. Costumávamos defender que bons textos não tinham limites. Se o ensaio resultasse em 10 páginas, publicávamos sem receio. Havia textos longuíssimos no jornal, que eram editados sem nenhum tipo de preconceito, confiando sempre no interesse e inteligência

do leitor. Hoje, isso nos colocaria na contramão da mídia atual, que privilegia o texto curto e superficial, tal como o praticado, geralmente, nas redes sociais e na imprensa tradicional.

A palavra de ordem vigente durante essa primeira etapa do jornal, que foi evoluindo com o tempo, era “a cultura como forma de ação”. O jornal respeitava toda e qualquer orientação política de esquerda, e privilegiava a questão cultural como um fator dominante, muito mais do que a política tradicional na superestrutura da sociedade.

O campo cultural nos oferecia, de fato, um amplo espaço de manobra. Era o que podíamos fazer de melhor naquele momento, com a censura escancarada dos jornais *Opinião*, *Movimento*, e até dos próprios jornais tradicionais, como *O Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, que sofriam com a censura. Tratávamos de reforçar a temática cultural, porque tinha potência para modificar a realidade do leitor e da sociedade de forma geral. Mas, aos poucos, fomos aprofundando a ideologização e politização do jornal. O resultado aparecia no aumento das tiragens de cada edição, que começaram com 12 mil e alcançaram 30 mil exemplares.

Vinicius: Por ser produzido durante a Ditadura Militar brasileira, período em que as liberdades de expressão estavam sob forte vigilância, quais os desafios enfrentados pela equipe de redação do periódico?

Omar: A ameaça de censura era o pior problema, era o que mais temíamos. *Versus* era um jornal extremamente frágil, que sobrevivia a duras penas sob uma condição financeira precária e com uma administração debilitada. As pressões foram aumentando à medida que o jornal foi crescendo e se definindo politicamente. No início, usávamos a metáfora como forma de expressão. Então, quando falávamos da história da revolta de Tupac Amaru no Peru, era uma forma de dizer que a rebelião era possível a qualquer momento também aqui. Usávamos esse tipo de informação sem ferir diretamente o monstro que combatíamos. Os leitores compreendiam a mensagem. Tal atitude foi marcante no primeiro período do jornal, o que é fácil de perceber em nosso arquivo. Mas a realidade era muito mais rica.

Aos poucos, a sociedade civil tratou de buscar o fim da ditadura. As mobilizações ganharam as ruas, então entendemos que a conjuntura ditava uma outra forma de linguagem e de comunicação mais direta. A partir daí, começou uma ampla discussão no interior da redação sobre quais rumos o jornal deveria tomar. O movimento dos estudantes estava presente reivindicando democracia, anistia e liberdade de expressão. No ABC paulista surgiu o movimento sindical comandado por grandes líderes operários, como Lula, em São Bernardo,

e em todo o ABC. Os sindicalistas organizavam greves enormes na região marcada pela indústria automobilística.

Era necessário que *Versus* se adaptasse a essas mudanças para não virar objeto de museu. De modo que a redação percebeu, então, que devia transformar a orientação editorial do jornal. Isso foi feito. A iniciativa nos trouxe uma boa quantidade de novos assinantes, o que permitiu a sobrevivência de *Versus* durante a crise financeira crônica que vivíamos na redação.

Vinicius: Quem era o público leitor ao qual *Versus* era destinado? Como era a recepção do periódico e como vocês conseguiam mensurar essa informação?

Omar: Em geral, quem estava de plantão na redação fazia a seleção das cartas dos leitores. As mensagens eram valorizadas de acordo com as contribuições que nos enviavam, muitas das quais poderiam entrar na edição. Isso nos trouxe uma grande adesão de autores: jornalistas, escritores, poetas, acadêmicos, religiosos, autores de todo o tipo e do Brasil inteiro, como migrantes vindos do Nordeste para São Paulo e ao Rio de Janeiro, indígenas, presidiários políticos e comuns. Essas contribuições eram a melhor forma que os leitores encontravam para apoiar o jornal. Para as outras cartas, as que apenas elogiavam as matérias ou criticavam os textos, havia uma seção de menor importância. Mediávamos, assim, o sucesso de nosso trabalho, além dos índices de vendas, pelos textos que chegavam pelo correio sem que pedíssemos.

A primeira redação de *Versus* funcionava na Rua Capote Valente, nº 376, entre a Rebouças e a Teodoro Sampaio. Era uma região da cidade de São Paulo onde também se localizava o jornal *Movimento* e, posteriormente, o *Em Tempo*. Naquela região havia uma gráfica que utilizávamos junto com outros jornais alternativos.

Nosso público fundamental era o universitário, mas ele foi se ampliando à medida que o jornal abriu seus horizontes. Os universitários deram uma grande contribuição à vida do *Versus*; muitos centros acadêmicos engajados vendiam o encalhe das bancas, ficavam com uma pequena comissão e depois nos pagavam pelos jornais comercializados. Essa rede de apoio às vendas, que ia além das bancas, era um circuito alternativo. Ali era onde o jornal circulava com força, uma vez que as edições não envelheciam rapidamente, por não lidar com os fatos do dia, e sim com problemas mais amplos e por meio de textos mais elaborados.

Versus tinha uma preocupação de ser um jornal de formação para seus leitores, contribuindo para o amadurecimento cultural e político dos jovens. Esse era o nosso público

essencial, a juventude que estava em busca de informação original e diferente. Isso, além de ser reconhecido pelos leitores, também era percebido pela intelectualidade acadêmica e pelos colegas jornalistas que também atuavam na imprensa alternativa e na tradicional.

Havia, porém, críticas negativas. Uma parte da esquerda dizia que éramos “as viúvas da revolução”, pelo tratamento amargo que dávamos à realidade latino-americana. Já a direita escrevia que éramos “a geração do poncho e Conga”, apontando a veste andina e a marca de um tênis barato como se fossem habituais entre nós.

Vinicius: De que maneira foi realizada a integração dos membros da Liga Operária à *Versus*? Este ocorrido provocou conflitos na produção jornalística do periódico?

Omar: Esse é um ponto delicado e importante da história do jornal. À medida que as liberdades políticas e democráticas foram sendo alcançadas e que a sociedade conseguia um espaço maior para suas manifestações, as organizações políticas que mantinham jornais na clandestinidade, impressos em mimeógrafos, passaram a pressionar na tentativa de aumentar seu público. Os grupos de esquerda, portanto, buscaram participar das redações de jornais alternativos, que eram mais de 100 no país.

No caso do *Versus*, o primeiro partido que expressou o desejo de participar organicamente do jornal foi o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que nos fez uma proposta oficial em uma reunião discreta da qual participei, e que foi realizada no porão do sobrado que abrigava a redação de *Versus*. Durante o encontro, o PCB comunicou a Faerman e a mim uma proposta de integração à política da organização, segundo a qual intelectuais e jornalistas militantes passariam a integrar a redação, e o partido garantiria dois mil novos assinantes ao jornal.

Eu não era militante ou simpatizante do PCB, muito pelo contrário, participava clandestinamente da Liga Operária (LO), uma organização trotskista ligada à Fração Bolchevique da IV Internacional. Era algo que eu não podia afirmar publicamente por segurança minha e da organização. Mesmo assim, disse a Faerman, que eu considerava quase como um irmão, que eu era militante da Liga Operária, uma opção que não podia subtrair da minha vida e de meu trabalho, que dedicava ao partido.

Outras pessoas da redação também militavam na LO. Faerman sempre foi favorável a essa união da LO com *Versus*. Igualmente ele também apoiou a proposta de unidade com o PCB, mas o acordo com essa organização não ocorreu. De qualquer forma, boa parte dos

colaboradores mais assíduos do jornal em São Paulo e em outros pontos do país passaram aos poucos a aderir à LO.

Isso nem sempre se refletia nas páginas do jornal, porque *Versus* não era exclusivamente partidário. Era uma frente. Encontramos outros caminhos para expressar essa militância. Assim, para exemplificar, criei, dentro do *Versus*, e isso funcionou por um longo tempo, um jornal de intervenção política, com poucas páginas, que distribuíamos nas greves do ABC paulista, ou em eventos conectados com as comemorações do 1º de Maio no ABC, com o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André fervendo. Com alguns companheiros, publicamos um jornal especial para a greve dos trabalhadores da construção civil em Porto Alegre, o que refletia a posição de *Versus* e do nosso partido naquela mobilização massiva.

Quando a LO lançou o projeto da Convergência Socialista (CS), que se apoiava na ideia da construção de um partido socialista de massas, a proposta foi aceita por Faerman, que participou do evento público de fundação e a apoiou por um bom tempo.

Tudo isso foi parte de um processo que provocou e reforçou a transformação editorial do jornal. Natural, era nossa reação ao que estava acontecendo nas ruas e à crise da ditadura. A politização da redação se deu, portanto, das ruas para dentro e não de dentro para fora. Durante esse processo de amadurecimento político do jornal, comentei com Faerman que *Versus* corria o risco de perder a perspectiva dos fatos. E que precisaríamos nos colocar à altura das demandas da sociedade. Em minha argumentação, dei como exemplo a questão do racismo no Brasil. Algo assim: “Nós estamos falando da África, dos movimentos nacionalistas independentistas e da expulsão do colonialismo, mas não estamos falando do racismo no Brasil, que é o maior país racista que existe no planeta, juntamente com os Estados Unidos.” Faerman, como era um sujeito muitíssimo inteligente, sensível e com um agudo sentido editorial, logo traduziu essas palavras em mudanças no jornal.

Através de uma conversa com um colega intelectual negro que trabalhava como revisor do *Jornal da Tarde*, Faerman veio com a ideia de editar um jornal escrito por jornalistas e escritores pretos dentro do *Versus*. Por coincidência, foi nesse momento que aparece na redação uma jornalista brilhante, Neusa Maria Pereira, e apresenta o *Manifesto da Mulher Negra*, um texto político e agressivo contra o racismo.

Além de encontrar em *Versus* um amplo acolhimento, Neusa Maria também concordou e vivenciou a ideia de formar um jornal negro no interior do próprio jornal. Por meio de contatos, aparece na redação outro jornalista inteligentíssimo e capaz, Hamilton

Bernardes Cardoso, um dos melhores que conheci. Ele escreveu em *Versus* algumas reportagens antológicas denunciando o racismo no Brasil. A partir dos dois, o grupo “Afro-Latino-América” foi se estruturando, crescendo e ganhando importância no cenário da imprensa brasileira. Claro, isso chamou a atenção da repressão, que passou a monitorar os passos e os escritos do radical “Afro-Latino-América”, como foi intitulado o suplemento. As ideias do grupo foram influenciadas, em parte, pelo movimento dos Panteras Negras nos Estados Unidos e pelas lutas anticoloniais na África. O racismo estrutural e a condição social marcada pela pobreza da maioria da população brasileira eram problemas que o pessoal do “Afro-Latino-América” conhecia melhor do que ninguém.

Se a primeira revolução em *Versus* foi a inserção da Liga Operária, a segunda mudança determinante foi a entrada em cena do grupo “Afro-Latino-América”. *Versus* oferecia a ele uma chance raríssima na imprensa brasileira, um espaço aberto no qual intelectuais pretos conquistavam autonomia para escrever o que bem decidissem. Sorte minha, eu era o editor que trabalhava mais próximo deles, pois na coordenação atuava, necessariamente, em todos os setores da publicação. “Afro-Latino-América” revirou as raízes do jornal, aumentou seus limites e resultou em uma semente que germinou no Movimento Negro Unificado (MNU), que até hoje influencia a relação do Brasil com o povo negro. Foi uma grande contribuição que o jornal deu à história deste país. Hoje, cada vez que leio sobre debates nacionais a respeito dos temas de interesse das comunidades negras, tais como as ações governamentais afirmativas e étnicas, sei como e onde foi que as discussões, possivelmente, tiveram origem.

***Vinicius:* Como foi o lançamento da Convergência Socialista e a aceitação política e social dessa proposta?**

Omar: A CS foi um sucesso no início. Nós mesmos fomos surpreendidos com a repercussão positiva da ideia. É o que ocorre quando alguém apresenta uma proposta política correta e necessária, e esta atacava diretamente os planos eleitorais da ditadura. Recordo que o lançamento foi em um auditório de uma escola de São Paulo, onde uma parcela representativa da redação de *Versus* esteve presente, evento que também contou com a participação de intelectuais e políticos de certa fama.

A proposta do movimento, na realidade, era a criação de um partido de trabalhadores com um programa socializante. Antes, fui a Brasília discutir o assunto da criação de um novo partido com dirigentes políticos da oposição. Basicamente, no parlamento, eles se

organizavam em torno do que era conhecido como PMDB “autêntico”. De lá trouxe vários depoimentos que reconheciam a necessidade de se criar um partido que acomodasse a classe obreira do Brasil, trabalhadores de classe média, intelectuais, religiosos, sindicalistas, progressistas etc.

A CS colocou a proposta como prioridade. A coisa funcionou muito bem por um tempo, mas depois, por erros de orientação, o plano acabou se esvaziando pela repressão violenta do regime e, talvez, por sectarismo de nossa parte. Mesmo assim, entendo que foi um outro grande acerto de *Versus*. Acredito que o nosso foi o primeiro jornal do país a colocar em capa, na edição 17, a manchete “O Partido Socialista está nascendo”. Isso nos levou, depois de muitos desdobramentos, à formação do Partido dos Trabalhadores (PT). Se essa não foi uma contribuição importante à vida política brasileira, então já não sei mais qual é a função do jornalismo.

Converso sobre o tema até hoje com meus companheiros da época. Alguns argumentam que radicalizamos demais. Respondo a eles: “Mas qual é o sentido de você trabalhar em um jornal praticamente sem salário, e integrar um projeto jornalístico como o de *Versus*, no qual arriscamos nossa liberdade, se não fosse para enfrentar a ditadura como ela deveria ser enfrentada?”. É um debate que permanece entre nós, que formávamos na redação de *Versus*.

Argumento que tínhamos que ser radicais naqueles momentos, mesmo conscientes de que isso nos traria um preço a ser pago. Ao obstaculizarmos os projetos da ditadura, dentre eles as mudanças partidárias que o governo articulava, a perseguição à CS, ao Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), que substituiu a LO, e ao *Versus* era previsível.

Toda a repressão desatada contra nós ocorreu exatamente porque “jogamos areia” no projeto partidário da ditadura, que não previa (e não desejava) o surgimento de um partido socialista de massas. Isso nos colocou na pauta da repressão, quando passamos a ter uma voz ativa que a ditadura não esperava. Então, essa foi uma grande contribuição de *Versus* ao debate político e partidário, com repercussão até hoje. Irado, o aparelho repressivo prendeu 24 militantes do PST, entre os quais alguns companheiros que atuavam em *Versus*.

***Vinicius:* Poderia explicar o que foi a devassa fiscal aos periódicos alternativos empreendida pela repressão militar? Como isso atingiu a redação de *Versus*?**

Omar: O processo começou após o período em que Faerman deixou a redação do *Versus*. Penso que para o regime ficou configurado que o jornal era uma frente, e parte dela estava rompida. Foi um momento em que demonstramos nossa fragilidade. Em decorrência, a ditadura prende os companheiros que eram conectados com uma organização política na clandestinidade. O plano da repressão, gestado em Brasília, previa também a interrupção da produção do jornal. Como insistimos em continuar com o *Versus*, outras medidas repressivas foram adotadas. Um exemplo foi a proibição das vendas a prazo do papel jornal que necessitávamos para a impressão. É lógico acreditar que nossos fornecedores foram pressionados a mudar o relacionamento conosco.

Depois, a repressão passou a atuar nas gráficas onde imprimíamos o jornal, às quais também eram acoissadas. Eram empresas muito sensíveis às ameaças de devassas contábeis. Então, perdemos os parceiros em São Paulo. Viramos migrantes. A cada edição uma gráfica diferente. Em certa ocasião fizemos um acordo com um jornal da grande São Paulo que possuía um belo e moderno parque gráfico. Fui até lá negociar pessoalmente a impressão de uma edição, sabendo que teria que pagar adiantado pelos serviços. Disse que o jornal tinha foco no turismo na América Latina. Assinado e pago o contrato, as chapas de impressão seriam produzidas e impressas de madrugada. Aquele monte de páginas impressas em testes jogadas no chão provocava arrepios. Uma delas trazia uma foto de página inteira de Che Guevara. Em pânico, recolhíamos o material, pois se alguém descobrisse o verdadeiro conteúdo do jornal corríamos o risco de perder o jornal depois de impresso. Finalmente, antes da noite terminar, carregamos o caminhão com a edição. Foi a única vez naquela gráfica.

Viramos nômades, sempre contando com a alienação dos proprietários das gráficas que desconheciam a perseguição que estávamos sofrendo. Em decorrência, perdemos a condição de negociar qualquer situação favorável para a impressão de *Versus*. Isso prejudicou nossa gestão e corroeu nossos recursos.

O governo decidiu então promover a devassa fiscal. A ação se mostrou um terreno fértil para as autoridades, porque não tínhamos uma contabilidade muito organizada. Numa ocasião fui intimado a comparecer à Polícia Federal, onde me apresentei sem acompanhamento de advogado. Dois delegados me interrogaram sobre as fontes de recursos do jornal, se havia “dinheiro de Moscou” e se os nossos recursos vinham do estrangeiro. Saí de lá normalmente rumo à redação de *Versus* para mais uma jornada de trabalho.

O plano do governo resultaria na primeira intervenção direta da polícia em *Versus*. Um dia bateu na porta um policial chamado “Dorivaldo” – fato que vai virar uma fotonovela da edição 32. Ele nos diz que ficaria na redação para ler as matérias antes da impressão. Pedimos socorro ao deputado estadual e jornalista Fernando Moraes, que foi à redação acompanhado por outro deputado e um câmera da TV Cultura. Assim, no dia seguinte, filmamos o policial na redação e sentado para censurar as matérias. Ele ficou amedrontado quando viu os deputados e o câmera e abandonou a redação correndo.

A resposta veio na noite seguinte. A repressão arromba a porta do jornal e invade a redação vazia. Toda a documentação que tínhamos produzido para responder ao processo de devassa fiscal é roubada. Ficamos sem os livros contábeis, notas fiscais, recibos de pagamentos, contratos. Nosso arquivo jornalístico também desaparece. Do lado de fora, as paredes da sede do bairro Pompeia ostensivamente pichadas com as tradicionais: “Fora comunistas! Vão pra Cuba!”.

O jornal de fato parou quando a polícia interditou a redação de *Versus*. O pessoal que ficou na equipe do jornal ainda vivenciou tempos duríssimos. Com tudo isso nossos assinantes passaram a abandonar o jornal. Bombas explodiram nas bancas para impedir a venda dos alternativos e também na ABI [Associação Brasileira de Imprensa]. Terrorismo de Estado.

Claro, o jornal foi perdendo realmente a condição física e financeira para seguir em frente. A própria redemocratização, segundo entendo, contribuiu ainda mais para que os jornais da imprensa alternativa fossem desaparecendo do cenário. Muitos dos nossos colaboradores passaram a receber algum dinheiro para escrever para a *Folha de S. Paulo*, para *O Estado de S. Paulo* e para a *Veja*, que mudaram de posição antevendo o fim do regime militar. No momento em que se abriu esse novo mercado, muitos jornalistas passaram a questionar se deveriam continuar trabalhando voluntariamente. Pouco a pouco os alternativos foram minguando. A inflação também corroía o poder de compra de nossos leitores, os alternativos não eram baratos. Além de toda a repressão que sofríamos, passamos a concorrer com os jornais da grande imprensa, que “roubaram” nossas bandeiras. Era o fim dos alternativos.

Vinicius: Em um dos materiais encontrados no blog de Luiz Rosemberg Filho, ele fala da importância que o senhor teve em sua vida/carreira como cineasta. Como vocês se conheceram?

Omar: Rosenberg foi um fenômeno do cinema brasileiro. Eu o coloco entre os maiores cineastas brasileiros. A estreia dele em *Versus* foi um ensaio publicado na edição nº 11, intitulado “O mito fabricado na TV como instrumento de repressão”. Considero que aquele foi um momento importantíssimo para o jornal. Foi uma edição emblemática, que também apresentava textos sobre o cinema documental africano, com uma matéria sobre o filme *25- A Revolução em Moçambique* (1975), que retratava o dia da libertação de Moçambique, filmado por Celso Luccas e José Celso Martinez. No caso, publicamos algumas imagens do documentário e também os textos e o esquema do roteiro que eles usaram para fazer o filme. Em outra matéria, publicamos a carta que o jornalista e escritor argentino Rodolfo Walsh escreveu denunciando a sangrenta ditadura argentina. Depois da carta, Walsh foi fuzilado na rua pela repressão em Buenos Aires. A nossa Neusa Maria Pereira também estreia naquele número, abordando o problema do racismo no Brasil.

Rosenberg entra nessa fase do jornal como colaborador. Um ano depois, vai lançar o filme genial *Crônica de um Industrial* (1978), que tive a felicidade de assistir antes que fosse proibido. Não tenho certeza, mas acho que *Crônica de um Industrial* aparece em São Paulo durante uma mostra internacional de cinema organizada por Leon Cakoff. Assisti ao filme de Rosenberg no Masp, uma obra marcante. A sessão terminou com o público vaiando o filme. Era possível sentir que havia uma cabeça pensante e uma mão pesada por trás daquele filme que provocou uma reação tão insultante. Foi a minha primeira experiência com a cinematografia de Rosenberg, que até então não conhecia pessoalmente, apenas lia seus escritos para *Versus*.

Rosenberg passou a colaborar assiduamente com o jornal. Criamos, para ele, a seção “Circo Cinematográfico” e, com o jornalista Luiz Egypto, montamos uma espécie de editoria informal para trabalhar sobre os materiais que Rosenberg enviava do Rio de Janeiro. Daí surgiu uma amizade muito profunda. Hoje, após sua morte em 2019, posso afirmar que ele me ofereceu uma visão do cinema que poucos tiveram a capacidade de elaborar. Rosenberg não foi somente um cineasta, foi um pensador ideologicamente engajado na defesa da arte cinematográfica brasileira, e que lutou até o fim contra o monopólio americano da produção e da difusão. Atacou a estupidez e a burrice da crítica e a programação limitada dos filmes brasileiros nos cinemas do país. Metralhava sem descanso a alienação fabricada nas produções nacionais e internacionais, algo que o exasperava.

Por muito tempo não conseguiu filmar, pois era censurado e não obtinha financiamento para seus projetos. Os produtores não queriam investir em seus filmes. Em certa ocasião, ele me contou que foi obrigado a fazer duas filmagens, uma para mostrar ao produtor – o sujeito que estava investindo – e uma para o filme de verdade. Era assim que tentava sobreviver ao ambiente em que vivia.

Rosemberg enfrentou todas as grandes figuras institucionais do cinema brasileiro. E fugia dos atores com formação novelesca da TV Globo. Detestava qualquer tipo de atuação padronizada e melodramática. Preferia trabalhar com atores e atrizes que não obedeciam aos cânones tradicionais. Foi um cineasta incrível e um escritor explosivo. Sua fúria e indignação apareciam tanto nos longos artigos quanto nas notas curtas e ácidas que escrevia. Quando o *Versus* fechou, Rosemberg viveu a dor da perda e do luto.

Vinicius: Como Luiz Rosemberg Filho passou a atuar como colaborador de *Versus*? Foi convidado por alguém da redação?

Omar: Ele se apresentou ao *Versus*. Nós tínhamos uma sucursal no Rio de Janeiro e, em algum momento, talvez a convite de alguém, ele encontrou o seu lugar, e passou a contribuir com seu talento por meio de uma grande produção de artigos para nossas edições. Era uma figura que trabalhava compulsivamente. Devemos muito a ele.

Vinicius: O cineasta participava da redação do periódico? Como ele escolhia os assuntos a serem trabalhados e como os materiais eram selecionados para integrar as edições de *Versus*?

Omar: Não, ele era completamente livre de toda e qualquer pauta. O que Rosemberg escrevia nós publicávamos. Comecei a me aproximar de Rosemberg quando fui indicado para uma missão ao Rio de Janeiro. Acabei hospedado na casa dele ou em algum local próximo, não recordo exatamente. A partir daí a nossa amizade foi crescendo, a tal ponto que, quando resolvi deixar o jornalismo para fazer cinema, no início da década de 1980, procurei por Rosemberg e contei que queria filmar uma história sobre a guerra de El Salvador, onde trabalhei em diferentes ocasiões durante a guerra civil.

Durante a conversa apresentei o personagem central a ele, um general salvadorenho de extrema-direita, que comandava a repressão política fascista no país. Escrevemos o roteiro a quatro mãos. Os textos vão dar origem ao filme *AdYós, general* (1986). Virou um média-

metragem em 16mm, centrado na figura do chefe paramilitar José Alberto Medrano. Em 1986, o filme ganhou o prêmio de melhor fotografia no IIº Rio Cine Festival, e depois integrou a Mostra de Cinema de Invenção, organizada por Julio Calasso.

Após alguns meses, nós dois escrevemos mais um roteiro para um outro filme meu, intitulado *Viva a Morte* (1986), lema dos franquistas na Espanha, durante a guerra civil na década de 1930. Era um curta-metragem em 35mm sobre um franquista espanhol, que vem para o Brasil e abre um motel. O velho fica o tempo todo lembrando dos combates, enquanto conversa com o seu segurança e porteiro sobre sua saudade das trincheiras fascistas. O filme foi premiado duas vezes no festival de Gramado, e também foi selecionado para participar da Mostra de Cinema de Invenção.

É difícil enquadrar ou rotular um cineasta como Rosemberg, culto e inquieto como era. Era um sujeito irado, que tinha um coração imenso e bondoso e que, infelizmente, foi injustiçado pelas estruturas reativas do cinema brasileiro. Poucos o reconheceram como um cineasta experimentador e pensador. Um homem que sabia analisar politicamente o meio em que sobrevivia, e que era capaz de avaliar ideologicamente o cinema brasileiro. Com amargura, entendeu melhor do que outros cineastas as relações promíscuas entre o poder, o capital e o cinema. E como não fazia concessões, via suas ideias e produções serem flageladas e marginalizadas. Tenho esperanças, entretanto, que seu valor ainda será amplamente reconhecido.

***Vinicius:* Qual a análise do senhor sobre a produção audiovisual de Luiz Rosemberg Filho e como a percebe em relação ao cinema brasileiro daquela época?**

Omar: A relação de Rosemberg com o cinema brasileiro conservador e comercial era a pior possível. Ele elegeu no meio cinematográfico alguns poucos amigos – um deles foi o crítico Jairo Ferreira, além do Nelson Pereira dos Santos, o Mário Carneiro, a Glauce Rocha e o Sindoval Aguiar – mas, fora desse círculo, ele não se movia com facilidade. O cineasta Andrea Tonacci, por exemplo, era como um irmão, convivia com Rosemberg, e sabia entender até onde ele queria ir. Não era uma tarefa fácil compreender toda a torrente de ideias que pautava o pensamento de Rosemberg, que não se enquadrava naquele viciado circuito carioca e paulista de privilégios na seleção de projetos “aptos” a receber financiamento estatal. Quando conseguia algum recurso, ele era censurado ou era desconsiderado, ignorado. A

independência de Rosenberg veio com seus curtas-metragens e ensaios digitais, vídeos guerrilheiros, vídeos manifestos, produções em que podia expressar seu pensamento e arte.

Quem quiser conhecer o pensamento do Rô vai ter que ler o tanto que ele escreveu sobre o cinema. Ele falava da guerra, da paz, do sexo, da sociedade, do capitalismo, do drama de existir no contexto da exploração econômica e do trabalho, da infelicidade geral da nação e do mundo. Os temas que abordava eram amargos.

Versus era a casa dele. Primeiro porque não havia censura ou qualquer alteração em seus escritos. Ele tinha total liberdade para escrever o que bem quisesse. Então, essa condição fez com que ele fosse um devoto, porque no *Versus* ele podia ser o que quisesse ser. A contribuição que ele deu à vida do jornal foi inestimável. Considero que fui um privilegiado ao contar com a amizade e o respeito de Rosenberg.

Nosso relacionamento continuou com o apoio que ele me ofereceu quando adotei o cinema como profissão e, muito depois, quando criei um site chamado “ViaPolítica”, que funcionou na internet por uns seis ou sete anos. Rosenberg estava entre os principais colunistas do site. Nos primeiros tempos ele mandava os textos datilografados, tínhamos que digitar linha por linha para publicar na rede. Algum tempo depois, ele aderiu ao computador, que lhe era emprestado pelo amigo e cineasta José Carlos Asbeg, da Palmares Produções. Rosenberg e Sindoval Aguiar trabalharam juntos em muitas colunas. Era fogo cruzado, puro entrevero!

Vinicius: O que significou para o senhor o trabalho como um dos editores de *Versus*? E as ressonâncias dessa experiência na atualidade?

Omar: *Versus* marcou para sempre seus colaboradores. Foi um formador de excelentes profissionais. Trabalhar na redação do *Versus* era um benefício, lá convivíamos com pessoas que tinham o que dizer e o que ensinar. Era uma redação criativa. Conto uma história que o comprova, e mostra como *Versus* funcionava: como editor atendi a um convite de Jean-Claude Bernardet, crítico, cineasta e professor de cinema para assistir, no Rio de Janeiro, ao filme *Iracema - Uma transa amazônica* (1975), de Jorge Bodanzky e Orlando Senna, obra que estava proibida no Brasil.

Não lembro muito bem, mas penso que vi o filme no consulado argelino. Era uma sessão privada do *Iracema*, quase clandestina. Durante a projeção, escrevi várias notas sobre as cenas que eram apresentadas. Mais tarde, já em São Paulo, com as fotos do filme, montei

com o ilustrador Jayme Leão uma versão gráfica para impressão no jornal, como se fosse uma super história em quadrinhos. Ele misturou fotos, desenhos e diálogos, e assim *Iracema* desafiou a censura graças ao *Versus*. Era um filme fundamental para o Brasil naquele momento. Essa foi uma experiência que *Versus* possibilitou a um jovem profissional de jornalismo como eu.

Versus, por exemplo, revelou ao país o brilhante repórter paulista Wagner Carelli, que talvez tivesse o melhor texto da redação. Carelli publicou em *Versus* textos inesquecíveis sobre os mortos no Chile de Pinochet, e escreveu sobre o fim do franquismo e as práticas de torturas patrocinadas pela ditadura na Espanha. A convivência com o Faerman, um jornalista especial, também possibilitava aprendizado, pois ele passava para os outros tudo o que sabia. Era um expoente da imprensa no Brasil. Essas vivências na redação de *Versus* vão, necessariamente, influenciar o seu jeito de ser, seu modo de pensar, seu jeito de trabalhar.

Referências

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda., 1991.